

Organizadores
Dalmi Alcântara
Josué Cordovil Medeiros
Valdilene Viana Bordoni
Gernei Goes dos Santos

CONTOS E ENCANTOS DE MANACAPURU



**INSTITUTO
FEDERAL**
Amazonas

Campus Manacapuru

Organizadores

**Dalmi Alcântara
Josué Cordovil Medeiros
Valdilene Viana Bordoni
Gernei Goes dos Santos**

Contos e Encantos de Manacapuru



**INSTITUTO
FEDERAL
Amazonas**

Campus Manacapuru

2017

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

Reitor

Antônio Venâncio Castelo Branco

Pró-Reitora de Extensão

Sandra Magni Darwich

Diretora Geral Pró-Tempore do Campus

Avançado Manacapuru

Ana Maria Alves Pereira

Chefe do Depto. de Ensino, Pesquisa e

Extensão

Fábio Teixeira Lima

Chefe do Depto. de Administração e

Planejamento

Luziray Barbosa Graça

Coordenador de Extensão e Publicações da

Editores do IFAM / Manacapuru

Alexandre Ricardo von Ehnert

Organização

Dalmi Alcântara

Josué Cordovil Medeiros

Valdilene Viana Bordoni

Gernei Goes dos Santos

Comissão Avaliadora

Josué Cordovil Medeiros

Valdilene Viana Bordoni

Dalmi Alcântara

Revisão de Texto

Josué Cordovil Medeiros

Valdilene Viana Bordoni

Diagramação

Dalmi Alcântara

Capa

Andressa Sousa Rodrigues

Projeto financiado pelo edital PROEX/IFAM n. 003, de 04 de julho de 2017, via Programa Institucional de Apoio a Eventos Culturais de Extensão.

C763

Contos e encantos de Manacapuru / Dalmi Alcântara (Org.) et al. – Manacapuru: IFAM – *Campus* Manacapuru, 2017.

Coletânea de contos de autores manacapuruenses, resultado da **Oficina de Contos, promovida pelo IFAM – Campus Avançado Manacapuru.**

Revisão do texto de Josué Cordovil Medeiros e Valdilene Viana Bordoni. Organização Vários autores.

ISBN: 978-85-69971-06-1

Literatura brasileira - contos 2. Oficina de contos do IFAM – *Campus* Avançado Manacapuru. I. Título.

CDD 869.93

Catálogo na fonte

Elaborada pela Bibliotecária Cybelle Taveira Bentes CRB 11/968

Editora IFAM – Campus Manacapuru / 2017

A autoria e conteúdo dos contos são de exclusiva responsabilidade dos autores e seus responsáveis legais.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora do Campus Manacapuru / IFAM.

É permitida a publicação parcial ou total deste livro, desde que citada a fonte.

É proibida a comercialização desta publicação.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
01 - AS SURPRESAS DE UMA PEQUENA CIDADE	9
Ana Caroline Rodrigues	
02 - A PEQUENA LILY	11
Cecília de Souza Lima	
03 - A PEDRA DA BOLA	14
Dalmi Alcântara	
04 - PRINCESINHA DO SOLIMÕES	16
Danielly Cruz Bindá	
05 - AS APARÊNCIAS ENGANAM	19
Denilza Vaconcelos de Oliveira	
06 - A FLOR MATIZADA	23
Erika Isabelle Martins Cardoso	
07 - A ARQUIBANCADA DAS ALTURAS	27
Gleyson Andrade Pereira	

08 - UM AMOR DE INTERIOR	31
Irma Maria Barreto Recinos Sanchez	
09 - A COBRA MEDROSA	36
Jonathan Gonçalves Lima	
10 - SEGREDOS DA FLORESTA	38
José Welley Caldeira Alves	
11 - AMORES TROCADOS	45
Josué Cordovil Medeiros	
12 - OS ANJOS	48
Kamily Alves da Silva	
13 - EM BUSCA DE UM PASSARINHO	51
Kendrya Bruna Cascais de Carvalho	
14 - HISTÓRIA DE UMA MENINA CHAMADA RAFAELA	54
Laiane Franco Leal	
15 - A FORÇA DE UMA RIBEIRINHA	57
Marcus Vinícius Martins de Oliveira	
16 - A PEQUENA SONHADORA	60
Maria Francisca da Silva Lima	
17 - UM SONHO	62
Marklison Endril Mesquita Coelho	
18 - DESCOBRINDO A MATEMÁTICA	65
Maxwell Sabino Rebouças Ximendes da Silva	

19 - UMA VIDA DE FÉ	67
Mayra Vitória Gois de Araújo	
20 - A SEREIA DO RIO MIRITI	70
Maysa da Silva Pinheiro	
21 - FESTA DA TERRA PRETA	80
Pedro Monteiro da Silva	
22 - SOPHIA E SUA VISÃO DE UM MUNDO PERFEITO	82
Rainara Ferreira Oliveira	
23 - O FANTASMA DO SÍTIO DO SERINGAL	85
Thainá de Oliveira Mota	
24 - VOVÓ RAIMUNDA	88
Valdilene Viana Bordoni	
25 - A SAÍDA DA MORADA DO SOL	94
Wendrel Lira Brito Pereira	

PREFÁCIO

Esta obra reúne uma coletânea de contos de autores manacapuruenses, resultado de uma Oficina de Contos promovida pelo Campus Avançado Manacapuru, do Instituto Federal do Amazonas, em parceria com o Colégio Militar da Polícia Militar de Manacapuru e outras escolas públicas desta cidade.

O presente trabalho foi produzido por professores, alunos e pessoas ligadas à cultura em Manacapuru. Reflete a intenção dos organizadores de despertar e manter viva a chama da criação artística e literária, além de oferecer ao público local as mais significativas contribuições dos contistas desta cidade.

Acreditamos que a produção escrita seja a forma mais viva de registrar e eternizar ideias, valores, sentimentos e emoções. Dessa forma, queremos valorizar a cultura e o saber popular amazônico por meio desta construção, do fomento da leitura e da escrita como formas de expressão artística e literária, além de conhecer e despertar o potencial artístico dos alunos, educadores e dos moradores do município de Manacapuru.

Este trabalho é fruto do empenho de uma equipe que acreditou e investiu tempo e esforço para que o resultado pudesse ser apresentado com qualidade a toda comunidade. Em seu itinerário,

recebemos importantes contribuições de pessoas que apostaram nos resultados dessa ideia, agora realidade. Além dos contistas, os organizadores e os monitores do projeto trabalharam arduamente. A equipe de monitores que se dedicou para que a oficina e a exposição tivessem um ambiente agradável e inspirador, em especial, os alunos do Campus Manacapuru, Marcus Vinícius M. de Oliveira, Ana Caroliny B. da Silva e a aluna Monna Mayume S. Vasconcelos.

Nestas páginas, apresentamos mais que o resultado de um trabalho em conjunto, criamos uma oportunidade para o escritor amador manacapuruense publicar seus trabalhos em livro. Para alguns essa foi uma oportunidade ímpar. São 24 contos que abordam a cidade de Manacapuru, sua história, encantos e belezas naturais. Aqui estão reunidos belos relatos de histórias vivenciadas ou idealizadas por moradores desta cidade. Eles narram suas experiências e sonhos nesta cidade amazônica, repleta de belezas naturais.

Dalmi Alcântara

Professor EBBT de Filosofia e Ética no Campus Avançado Manacapuru. Doutor em Educação. Coordenador do Projeto de Extensão - **Eventos Culturais: Expressões, Palavras e Contos Manacapuruenses.**

01 - AS SURPRESAS DE UMA PEQUENA CIDADE

Já tinha vivido bons momentos em sua cidade natal, mas sabia que já era hora de partir para um lugar mais calmo a fim de levar uma vida tranquila. Era uma pessoa resignada e também muito sensata. Decidiu pesquisar sobre lugares rurais para não ter do que se arrepender depois e, logo no primeiro site, encontrou uma cidade localizada no interior do Amazonas. Viu fotos e mais fotos de outros lugares magníficos, mas já havia decidido, era para lá que queria ir.

Seu nome era Teresa, 37 anos, solteira, trabalhou como radiologista durante 13 anos e, por conta dos perigos de sua profissão, se aposentou cedo. Agora, ela estava a caminho de uma vida calma, longe de pessoas que a julgavam pelo fato de ser solteira nessa idade. E lá estava ela num barco indo diretamente para sua nova cidade, no interior do Amazonas.

Assim que pegou o táxi, já sentiu que tinha feito a coisa certa, os desconhecidos eram educados e lhe deram toda a ajuda possível. Isso sem falar no verde que ela via em todos os lugares, para todos os lados que olhava via árvores e mais árvores, de todos os tipos e de muita beleza.

Conheceu todos os pontos turísticos da cidade e tomou o melhor banho de rio da sua vida. Mas em sua opinião, os igarapés menores eram os melhores e um, em especial, foi o que ela mais gostou de conhecer, pois um homem que trabalhava como engenheiro florestal também frequentava o lugar. Esse foi o primeiro amigo que ela conheceu desde sua chegada a nova cidade.

Ele se chamava Rafael, tinha 40 anos, seu amor pela floresta era lindo de se ver. Teresa logo viu que ele a olhava diferente e o seu coração estava começando a trapacear, acelerando a cada novo encontro. Os seus melhores momentos passaram a ser ao lado do “novo amigo” naquele mesmo igarapé. Nas tardes de sexta-feira, seu sorriso ganhava algo que a tranquilizava e a fazia bem.

Se ela, finalmente, encontrou a sua alma gêmea, ninguém sabe, mas o que podemos dizer é que os lugares mais simples nos mostram o que há de melhor e guardam muitas surpresas.

Ana Caroline Rodrigues
IFAM / Manacapuru

02 - A PEQUENA LILY

Na época, eu morava em um bairro chamado Liberdade, em uma rua conhecida como rua “A”, em Manacapuru, um município que conserva sua cultura e festejos folclóricos, no estado do Amazonas. Provavelmente, eu deveria ter uns 6 ou 7 anos e minha mãe não permitia animais em casa. Ela não me deixava criar um, mas eu adorava animais e outros bichos de estimação.

Até que um dia, encontrei uma gatinha recém-nascida no quintal de minha casa. Ela era muito fofa e eu lhe dei o nome de Lily. Como ela miava muito, preparei um pouquinho de leite sem açúcar e pus em uma tigela. Fui, rapidamente, levar o alimento para a nova moradora da rua A. Lily adorou e até lambeu os beiços! Botei a gatinha dentro de minha casa. Mas no momento em que eu a colocava para dentro de minha casa, a minha mãe viu:

- O que é isso, menina? Perguntou minha mãe.

- É apenas uma gatinha, mãe. Respondi.

- Eu já falei para você que eu não quero bichos em casa. Falou ela com firmeza.

- Mas, mãe... Falei quase chorando!

- Vai levar essa gata de volta, agora! Gritou minha mãe.

Então levei o pobre animal para o quintal novamente e, sem minha mãe perceber, fiz uma casinha para Lily e a cobri com um paninho para ela se sentir confortável. Coloquei-a dentro da casa e fui beber água.

Depois de alguns minutos, voltei e me desesperei quando vi uma coisa que doeu minha alma, a casinha havia desabado em cima da gata. A casinha não estava segura, pois eu havia feito com duas tábuas apenas. Rapidamente, corri para tirá-la de lá, mas já era muito tarde, o seu coração já estava batendo muito fraco e logo em seguida ela morreu.

Com lágrimas nos olhos, entrei em casa e peguei uma caixa de sapato vazia, coloquei a defunta dentro e a enterrei e com minhas lágrimas e disse: - Adeus Lily”.

Até hoje, lembro-me de minha pequena recém-nascida. Eu sei que ela está lá no céu, em paz. Já me perdoou pelo erro que cometi, pois ela era uma gata boazinha, o acidente que provocou sua morte foi sem intenção.

Hoje, me sinto culpada por ter provocado sua morte e, ao mesmo tempo, feliz por ter ajudado a minha pequena Lily.

Cecília de Souza Lima
CMPM IX / Manacapuru

03 - A PEDRA DA BOLA

Conheci um moço chamado Pedro que tinha enorme dificuldade de saber como descrever sua própria essência e existência. Mas ele queria ter uma resposta que o satisfizesse. Até que um certo dia, ao passar pela bola, tropeçou em uma pedra e quase caiu, mas como ficou no quase, percebeu que era forte, mas não tão forte que não pudesse cair. Então, foi nesse momento, na contradição, que encontrou uma inspiração e uma definição quase provável para suas indagações.

Disse ele:

- Ahhhhhh! Será?

Quando chegou a sua casa, ainda um pouco confuso e atordoado, começou a pensar e a escrever o que estava acontecendo consigo naquele momento. Aí chegou sua amiga Sophia.

Disse ele a Sophia:

- Não sei se você me entende, mas acho que as coisas são mais ou menos assim: acho que sou uma pedra! Acho que tropecei em mim mesmo!

Então sua amiga com uma cara de que não estava entendendo nada, questionou:

- Como assim?

Disse ele novamente:

- Veja! Vou tentar te explicar. Acho que em minha vida eu fui, fui uma pedra. Uma pedra: a pedra da porta, a pedra angular, a pedra do alicerce, a pedra da mesa, a pedra de mármore, a pedra da estátua, a pedra da vida e a pedra da morte ..., Eu sou a pedra.

- Eu fui, fui uma pedra. Eu sou, sou uma pedra: a pedra do sapato, a pedra de tropeço, a pedra da rua, a pedra da estrada, a pedra do caminho, a pedra da casa, a pedra da escola, a pedra do presídio, a pedra da saída e a pedra da entrada ..., Eu sou a pedra.

- Eu fui, fui uma pedra. Eu sou, sou uma pedra. Eu ainda serei, ainda serei uma pedra: a pedra do bem, a pedra do mal, a pedra de todos, a pedra desejada, a pedra repudiada, a pedra tolerada, a pedra de cá, a pedra de lá e a pedra de todo lugar ..., Eu sou a pedra.

- Eu sou a pedra certa, a pedra errada, a pedra que edifica, a pedra que machuca, a pedra que constrói, a pedra que destrói, a pedra do campo, a pedra da bola, a pedra de todos e de todo lugar ..., Eu sou a pedra.

- Eu sou a pedra, mas não sou apenas uma pedra, sou todas as pedras, a pedra de todos, para edificar, em Manacapuru e em todo lugar.

Dalmi Alcântara
IFAM / Manacapuru

04 - PRINCESINHA DO SOLIMÕES

Numa comunidade do Amazonas, situada em um rio chamado Solimões, não havia terra firme no lugar, fazendo com que os moradores construíssem suas casas, comércios e igrejas sobre toras de árvores, eram casas flutuantes. Em meio a essa comunidade, rondava uma lenda que dizia: durante à meia noite, o sono do monstro que mora no fundo do rio ficava mais fraco e qualquer barulho poderia despertá-lo, quem o acordasse seria enfeitado.

Ao longo dos anos, as pessoas sempre evitaram velejar por esse rio durante à noite e sempre procuravam pescar pela manhã. Com o passar do tempo, tal ação foi afetando toda a comunidade, pois os peixes não apareciam muito durante as manhãs, somente à noite. Porém, não era apenas esse o problema pelo qual a população passava, os peixes apareciam apenas nos horários de 23h às 24h, todos os dias. Na comunidade, morava uma linda moça chamada Princesa que, ao ver a situação de sua família e de todos os moradores a sua volta, passando fome, teve a brilhante ideia de ir pescar no horário em que os peixes apareciam. Antes, porém, disse ela ao pai:

- Pai, irei pescar à noite, quero sua ajuda. Preciso de frutas para usar como iscas e de sua vara de pescar. O pai deu tudo que ela precisava e, à noite, ela foi em busca dos peixes. Toda pescaria exige destreza e silêncio. Sem fazer muito barulho, começou a jogar o anzol na água. Tudo estava indo muito bem, mas por descuido, ela se desequilibrou e caiu no rio fazendo um enorme barulho. A moça subiu rapidamente em sua canoa e ficou se limpando. De repente, apareceu um monstro e lhe disse:

- Princesa, você me acordou e como castigo irei lançar um feitiço que fará você morrer em três dias.

Ao chegar a sua casa, Princesa contou tudo a seus pais e, com o passar das horas, ela foi ficando cada vez mais doente. O primeiro dia se passou e ela já não conseguia andar, sentia fortes dores nas pernas e na coluna, nada da jovem se levantar. No segundo dia, ela já se encontrava tão magra, que era possível contar seus ossos da costela. Sua voz também já estava comprometida.

No terceiro dia, à meia noite, ela faleceu. Sua família jogou seu corpo no rio Solimões, como se fosse um enterro. Em seguida, todos foram dormir. Durante a madrugada, escutaram um grande estrondo vindo de dentro do rio. Quando se deram conta, já estavam diante de uma pequena ilha que estava surgindo exatamente no lugar onde o corpo da jovem havia sido jogado.

Os moradores do local se mudaram para a ilha, e lhe deram o nome de Manacapuru. Depois de algum tempo, o lugar ficou conhecido como Princesinha do Solimões, em homenagem à Princesa e todos viveram felizes para sempre.

Danielly Cruz Bindá
IFAM / Manacapuru

05 - AS APARÊNCIAS ENGANAM

Quando criança, Melissa sonhava em ser alguém na vida, pois a mãe dela não teve chance de fazer faculdade. Camila, sua mãe, nasceu em Manacapuru, uma cidade no interior amazonense. Como engravidara muito jovem, teve que trabalhar em Manaus, terra cheia de gente e de barulhos, para ajudar sua família com as despesas de casa. Camila queria que o futuro da filha fosse melhor que o dela. Porém, como não tinha condições de pagar a faculdade, precisou desistir de seus sonhos. As cidades interioranas oferecem poucas oportunidades de emprego.

Anos depois, Melissa fez uma prova para ver se ganhava uma bolsa de estudo. Passaram-se meses e ela já não se lembrava mais, quando ligaram para darem a notícia de que a jovem conseguiu uma bolsa de estudos em uma universidade particular em Manaus. Ela ficou surpresa com a novidade que até perdeu a fala. Ao ver a euforia da filha, Camila perguntou por que ela estava com aquela cara de assustada e a moça falou para a mãe a notícia.

Na faculdade de Engenharia, Melissa conheceu uma jovem chamada Fernanda e, com o tempo, tornaram-se amigas e foram dividir o mesmo quarto, os mesmos sonhos de concluir a faculdade. Fernanda não era bolsista e Melissa era muito grata pela bolsa de estudo que ganhara.

Melissa conheceu um rapaz, foi amor à primeira vista. Eles se conheceram no corredor, andando distraídos deram de cara um para o outro. Seus livros caíram no chão. Como nos filmes, foram pegar na mesma hora, suas mãos se tocaram e seus olhares se cruzaram no mesmo instante.

- Oi, meu nome é Marcos e o seu? Disse o jovem.

- Melissa. Respondeu a moça.

No outro dia, Melissa contou para a amiga o que tinha acontecido, falou do lindo rapaz que vira na faculdade. A amiga curiosa quis conhecer o tal jovem falado por Melissa.

Marcos ficou esperando na frente da faculdade para encontrar a jovem por quem se apaixonara, até que um dia, viu Melissa e foi até ela, que também ficou feliz em revê-lo, pois não parava de pensar naquele encontro.

- Melissa, você quer sair comigo? Foi logo falando o rapaz.

- Sinto muito, mas eu mal te conheço. Disse ela, apesar de sentir o contrário.

O rapaz disse que se ela desse a ele uma única oportunidade, ele mostraria que era merecedor da confiança dela.

Melissa estava apaixonada e ligou para contar a novidade a sua mãe que perguntou como sua filha estava. Melissa descobriu que sua mãe estava preocupada, pois desde que fora morar em Manaus, não dava notícias. Ficaram felizes e conversaram à noite toda, falando e falando.

Sábado à noite, Melissa e Marcos saíram para jantar e se conhecer melhor. Ele não perdeu tempo e se declarou para a jovem. Ambos disseram o que sentiram desde que se viram e assim começou o namoro.

Feliz demais para guardar só para si tamanha felicidade, Melissa contou para sua melhor amiga, Fernanda, o que havia acontecido. Porém, a felicidade de uma foi a tristeza da outra. A amiga ficou com inveja, pois Marcos era justamente o jovem a quem ela tanto amava em segredo. Fingiu, fingiu, e começou a falar da amiga para as colegas da faculdade.

Melissa confiava em Fernanda e não fazia a mínima ideia de que sua melhor amiga era falsa e que nutria por ela um ódio mortal.

Marcos pediu Melissa em casamento e ela ficou surpresa, pois tudo acontecia muito rapidamente. Disse que ia pensar e pediu a opinião de sua amiga Fernanda, que a aconselhou logo a não aceitar, porque ele, disse Fernanda, só queria brincar com os sentimentos de Melissa.

Aceitando o conselho da amiga, Melissa afastou-se de Marcos. Fernanda continuou feliz, falando mal da amiga pelas costas, até que, como toda mentira tem pernas curtas, Melissa ouviu a amiga falar mal dela e constatou que foi enganada por confiar mais na amizade que no coração. Desfeita a amizade, Melissa foi à procura de Marcos.

O final da história? Já são sete anos de casados e têm dois filhos, Camila e Marcos. Os sonhos da mãe Camila se realizaram ao ver a formatura de Melissa e do genro no mesmo dia. Atualmente, todos moram em Manacapuru, a terra das cirandas.

Denilza Vaconcelos de Oliveira
CMPM IX / Manacapuru

06 - A FLOR MATIZADA

Em um pequeno município no interior do estado do Amazonas, chamado Manacapuru, havia uma menina, Belle, conhecida como a pequena jardineira, que em uma linda manhã resolveu acompanhar seu pai até o rio para pescar.

Os dois partiram para suas atividades, mas no meio do caminho até o rio mais próximo, Belle encontrou uma pequena flor lilás que parecia tão frágil quanto uma porcelana e era tão bonita quanto o pôr do sol. Ali, observando a flor, Belle percebeu que aquilo em sua frente era único e então resolveu que dali em diante cuidaria da flor.

Em meio ao grande desafio de pescar seu almoço, Belle mantinha seus pensamentos na flor que encontrara mais cedo e frequentemente se perguntava:

- Como uma flor pode ser tão bonita? Porque só havia uma? Será que ela tem nome? Várias perguntas se formavam, mas não haviam

respostas. E assim, Belle vagava em seus pensamentos sem nem mesmo se dar conta do tempo.

A pequena jardineira estava tão feliz que em todas as manhãs cuidava de sua amada flor. Era tanta alegria que as pessoas que passavam por perto ouviam as risadas de uma única menina que, por um longo tempo, cantarolava cantigas para sua flor.

O tempo foi passando, Belle cresceu e sua flor que era uma, agora, tornou-se várias. Apesar do tempo, Belle nunca se cansou de cantar para as suas flores, pois ela sentia que aquele jardim que antes era apenas uma flor, fazia parte de sua vida.

Porém, certo dia algo totalmente inesperado aconteceu, seu querido jardim havia sumido e nada mais fazia sentido, o mundo se tornara vazio e sem cores, sem suas amadas flores.

Ao voltar para casa, Belle percebeu que havia um grande rastro de terra, que parecia ter sido derramado a pouco tempo, aquilo despertou uma grande curiosidade na pequena jardineira e logo ela foi investigar. Chegando ao fim do rastro, Belle viu um grande caminhão com suas flores na carroceria, e ao olhar para o lado viu seu pai recebendo certa quantia de dinheiro. O que para ela parecia ser muito cruel, seu pai via como lucro.

A crueldade foi tanta que nem um adeus Belle pôde dar. Lágrimas que antes eram risadas, soluços que antes eram cantos e uma imensa felicidade que virou tristeza. Assim foram os dias, sem as risadas, sem os cantos, sem as cores, sem ânimo. O pai de Belle percebeu a situação em que sua filha se encontrava e resolveu mudar-se para a cidade. E ao invés do canto dos pássaros se ouvia os motores dos carros, ao invés de suas risadas, ouviam o choro de uma menina. Porém, ainda havia o brilho do sol e isso trazia um pouco de esperança para o pai da pequena jardineira. Fazer sua filha feliz era o que ele mais queria, ele deixaria tudo só para ver sua filha sorrir novamente.

Foi então que o pai de Belle resolveu ir atrás do homem que comprou as flores e depois de muito tempo conseguiu encontra-lo. O comprador estava em um campo cheio de rosas e margaridas e quando percebeu a presença do pai de Belle, ele, o comprador, deu a terrível notícia de que todas as flores haviam morrido.

Voltando para casa, o pai de Belle resolveu manter a notícia das flores em segredo, apenas para proteger sua filha de se magoar mais ainda. Já em casa, o pai de Belle viu um pequeno bilhete preso na geladeira que dizia as seguintes palavras: “Voltarei antes das 18h”. Seu pai foi tomado pelo desespero, mas logo se conformou e se pôs a esperar.

Belle estava andando em um ramal entre enormes árvores que logo em frente havia um imenso rio. Ao invés de ir até à beira do rio, Belle resolveu tomar um caminho diferente e rever o local onde ela

havia encontrado sua amada flor, como esperado, lá só haviam terras e mais terras. Tomada por impulso do seu coração ela regou sobre a terra. Assim ela fez por vários dias.

Em um dia como todos os outros em que Belle regava a terra na esperança de algo acontecer, algo de fato aconteceu. Belle voltou correndo para casa com terras em suas mãos e quando chegou, seu pai viu a cena e abriu um grande sorriso e foi pegar um pequeno vaso para a pequena florzinha. Então assim, Belle acordava todos os dias para dar bom dia a sua pequena florzinha que tinha como nome Flor Matizada.

Erika Isabelle Martins Cardoso
CMPM IX / Manacapuru

07 - A ARQUIBANCADA DAS ALTURAS

Mágicas aventuras acontecem na infância. Quando o medo se mistura com o imaginário fascinante das histórias vivenciadas em meio aos calafrios e os sorrisos sem preço da criança, as lembranças ficam guardadas na memória do adolescente, do jovem e, claro, do adulto, esse pescador das sensações causadas pela busca incessante das mais fantásticas peripécias que até mesmo lendas consagradas das florestas duvidam.

Em meados do ano de 1967, aos 13 de anos de idade, o menino Ozelice Rosas Pereira, nome considerado estranho naquela época, mas assim fora batizado como cidadão da Princesinha do rio Solimões. Curumim moreno, de canelas fininhas e olhar baixo, quase fechando, filho de um casal bastante brabo, o pai Ulisses Rosas, bravo pescador, e a Mãe Aida Gomes, doméstica e dona de um ligeiro ticado com a faca sobre os peixes trazidos na velha canoa por seu velho esposo. Esse ouvira murmúrios, pela vizinhança, que a seleção de futebol de salão masculina, formada por alunos da escola que, em homenagem à padroeira da cidade tivera sido consagrada, Escola Nossa Senhora de Nazaré, onde padres e freiras dominavam seus corredores com suas batinas e seus belos “hábitos”. Os religiosos eram temidos pela classe

estudantil, dada a doutrina educacional ali exercida, em breve enfrentariam uma seleção vinda da capital do estado.

Os dias passaram e Ozelice estava cabisbaixo, pois os ingressos haviam acabado rapidamente e, mesmo que estivessem disponíveis, ele não tinha dinheiro para comprar e assistir ao grande jogo. Dessa forma, restava-lhe apenas a labuta da pesca com seu pai e a rigidez de Dona Aida que lhe deixavam com as finas canelas tremendo feito marajá na beira do rio Miriti após tempestade rotineira.

Nas poucas ruas da cidade, entre um jirau e outro da vizinhança, Ozelice, às vezes só, outras, na companhia de irmãos, saía pela rua gritando: “Pexêro! Pexêro!”. As “enfiadas” de peixe eram tão pesadas que lhe torciam as finas canelas, fazendo-o andar em “zigue-zague”. Como de rotina, ninguém comprava e ele acabava trocando por farinha e outros mantimentos, pois a maioria da sua vizinhança, era formada por pescadores.

O grande dia chegou, o grande jogo estava prestes a acontecer naquela tarde. Entre um punhado de farinha e outro durante o almoço, Ozelice não se contentava em ficar de fora de um evento tão importante na cidade, naquela ocasião.

Mesmo assim, ele foi até o local do evento. A quadra de esportes ficava bem atrás da Igreja Matriz, no então pacato centro da cidade. Lá dentro, o povo já estava agitado, o muro era alto e não havia como

tentar pulá-lo. O curumim ficou por ali, rondando a quadra. Quando surge, em sua sapeca imaginação, a sensacional e perigosa ideia, subir na caixa d'água que até os dias de hoje está ali, aos fundos da “Casa dos Padres”. Porém, naquele instante, assim como uma lapada de casca de cuia, a escalada na caixa já lhe causava calafrios antes mesmo de senti-la.

No entanto, caso sua velha mãe o visse lá em riba daquela imensidão de altura para um curumim fino e magro que até um ventinho poderia levá-lo, a volta pra casa não seria nada agradável. Subir lá, sozinho, e vivenciar algo tão perigoso e, ao mesmo tempo, fantástico, era algo pra mexer com a imaginação daquele rapaz franzino. A essas alturas, o apito inicial já havia sido dado pelo “seu juiz” do jogo.

Foi, então, que ele avistou outros caboclos fininhos e sorridentes de tanta molecagem que já haviam aprontado naquela tarde. Foi quando os convocou e, claro, eles toparam na hora a aventura.

Assim, foram prendendo as línguas entre os dentes, coisa de moleques sapecas: Ozelice, Sebastião, Romário e Luiz. Logo chegaram ao topo e sentaram para assistirem à partida. Estavam em êxtase, eram super-heróis, mas logo deram falta do amigo José, ao olharem para a escada, o mesmo ficara na metade da subida, eles gritavam: - Vem logo! - Vem logo! Ele respondeu: A caixa está caindo! Estou com medo! Desçam daí! Ozelice disse que José estava com medo, pois o mesmo fixou os olhos em uma placa que estava na lateral da caixa e marcava o nível da água e, ao olhar para a mesma e para as nuvens que passavam,

tivera a sensação de que a caixa estava caindo. E José, realmente, descera.

Dessa forma, a aventura do menino Ozelice e seus amigos na “Arquibancada das Alturas”, fora uma das mais fascinantes aventuras que vivenciaram na adolescência. Hoje, ele a conta como um belo “conto” por todo canto.

A vida simples encanta sua memória até os dias de hoje.

Gleyson Andrade Pereira
Autor Manacapuruense

08 - UM AMOR DE INTERIOR

Enquanto pescava, Francisco – um pescador com cara de curumim – pensava que já estava na hora de se casar, mas não tinha em mente nenhuma pretendente. Ao chegar a sua casa, com o almoço do dia – um tambaqui bem fresco – sua avó, que o criara, considerada por ele como sua mãe, perguntou-lhe sobre matrimônio, ele respondeu que não havia nenhuma pretendente à vista. Ela já estava ficando preocupada, temia que ele passasse da idade de se casar e que chegasse à velhice solitário.

Ao longo de duas semanas, com a mesma rotina puxada e cansativa de um pescador, um amigo lhe chamou para ir a uma festa que aconteceria no fim de semana na cidade. Ele tentou recusar, mas o amigo o convenceu a ir. Quando chegou o dia da festa, tomou um banho e vestiu sua melhor roupa, depois passou uma colônia de cheiro. Chegando à festa, encontrou o amigo, que lhe apresentou às moças mais lindas, porém nenhuma despertou nele interesse algum.

No meio da festa, ele já estava muito cansado. No entanto, seu amigo insistiu para que ficasse mais um pouco. Enquanto tentava conter o cansaço, no meio do salão, ele avistou uma linda moça, com os cabelos negros, olhos castanhos claros e um belo e encantador sorriso. Seu vestido era vermelho, colado no corpo, ela chamava toda e completa atenção dele. E, de repente, ele se sentiu único no mundo, como se conseguisse ouvir apenas o barulho do vento frio batendo nas águas tranquilas do rio.

Mas algo nessa moça, com corpo de mulher e face de menina, lhe brotava uma lembrança na mente e no coração. Logo ele se lembrou de quem se tratava aquela donzela de beleza imensurável. Era Iara, sua antiga amiga de infância, com quem brincava no rio até altas horas, com quem dividia seus sonhos de ribeirão apaixonado, com quem levava “carões” por não se secar direito e, por isso, acabar resfriado. Era ela mesma. Muito diferente, mas ainda com o mesmo jeitinho de menina levada.

Tomou coragem e caminhou lentamente até ela. Chegando bem perto, a moça se virou rapidamente e deu de cara com ele. Como se tivesse ido até o passado, ela lembrou dele em um piscar de olhos. Eles se cumprimentaram e começaram a conversar e a matar a saudade de quase dez anos. Passavam-se as horas e eles mal percebiam que o dia já raiava. Ele se ofereceu para levá-la até sua casa e os dois caminharam lentamente. Seus corpos estavam cansados, mas seus corações renovados.

Quando ele chegou à casa onde morava, quase já na hora do almoço, encontrou sua avó deitada na rede com um retrato de seu casamento, olhando atentamente para o seu avô Cândido. Ele chegou bem perto dela e perguntou o porquê de ela estar olhando aquele retrato tão fixamente. Ela sorriu e respondeu que, ao acordar, sentiu uma saudade imensa do antigo esposo e que pegou o retrato para se lembrar dos velhos tempos, do amor que sentiam, do respeito e do carinho que transmitiam um para o outro, através gestos simples, como um simples “bom dia”.

Ao passar o dia, ela lhe contou lindas histórias, contou como ela e Cândido se conheceram, como era a vida de casados deles e o quanto se amavam. Ao cair da noite, ele foi se deitar, pensou o quão estranho foi sua avó não ter lhe perguntado sobre a noite passada. Mas o assunto que lhe interessava não era esse. Pensou nas histórias de sua avó e também em Iara. Essas duas coisas não saíam de sua cabeça. Mas como o sono era muito, devido ter “virado a noite”, logo adormeceu.

Na manhã seguinte, acordou muito bem disposto, tomou seu café, apressado, e deu um beijo em sua avó. Partiu em direção à cidade, à procura de Iara. E ao chegar a frente de sua porta, bateu palma até que alguém atendesse. Iara, surpresa, perguntou o porquê de estar em sua casa tão cedo e ele disse que precisava muito conversar com ela. Os dois saíram para dar uma volta. Ele perguntou como estava a vida dela, se ela iria voltar a morar lá novamente, como estavam seus pais e etc. Ela respondeu a todas as suas perguntas e fez outras para ele. Até aí, os dois já se sentiam bem mais confortáveis em se abrirem um com o outro.

Ao longo das outras semanas, eles saíam juntos sempre que podiam e sem nem perceberem foram criando um sentimento bem mais forte que a amizade que eles tinham. Em um domingo, decidiram ir nadar no rio. Ao se despirem, deixando em seus corpos apenas os trajes de banho, olharam um para o outro e começaram a rir, porque, ao invés de se sentirem envergonhados, estavam mais à vontade do que nunca.

Tomaram banho durante à tarde toda. Quando caiu a noite, decidiram ir a uma festa onde tocava vários ritmos: de Ciranda a Boi-Bumbá. Ele a chamou para dançar e ela não se recusou. Ao som de Ciranda, eles giravam para lá e para cá. Estavam bem perto de uma fogueira muito intensa com chamas que brilhavam e enfeitavam a noite. Ele chegou bem perto do rosto dela e, por um instante, parecia que em todo o mundo só existiam eles, o barulho do vento, o som do rio, o brilho das estrelas e as chamas da fogueira. Francisco olhou no fundo dos olhos de Iara e se declarou, disse a ela o quanto a amava e a queria, e que não havia mais nenhuma mulher no mundo que poderia fazer com que ele se sentisse assim. Disse que, ao cair da noite, ao nascer do dia, ele somente pensava nela, pensava no quanto a amava e no quanto a queria em seus braços.

Ela ficou surpresa, não porque não esperasse isso, mas porque havia acabado de descobrir que ele sentia o mesmo que ela. Não esperou nenhum segundo a mais e o beijou. Naquele momento, os dois eram as pessoas mais felizes do mundo e nada poderia mudar isso. E bailaram juntos até o raiar do sol.

Quando ele voltou para casa, feliz como uma criança, a avó dele estava na rede descansando e olhando para o retrato de seu casamento, como naquele outro dia. Mas dessa vez, ela se levantou, guardou o retrato e serviu a ele um café preto. Ele tomou um gole do café e fez a ela uma única pergunta. Perguntou-lhe como ela se sentira ao descobrir que amava seu avô. Ela, com um sorriso, respondeu-lhe. Disse que para ela nada mais fazia sentido sem ele, que apenas existiam eles, o barulho do vento, o som do rio e o brilho das estrelas.

Irma Maria Barreto Recinos Sanchez
IFAM / Manacapuru

09 - A COBRA MEDROSA

Num pequeno lugarejo do interior do Amazonas, conhecido como Curarisinho, existia uma família que morava há muito tempo nesse local. Durante quase a vida inteira, viveram nessa região. Não era um lugar muito povoado. No entanto, era uma região fértil, havia abundância em peixes e em animais terrestres.

A família de Seu Mambaia era uma das que viviam no local. Esse cidadão era um pescador e caçador, senhor experiente, pois atuava há muito tempo nessa área, já tinha passado por várias aventuras, algumas muito boas, outras não.

Certo dia, numa manhã em que o sol era “escaldantemente” forte, Seu Mambaia saiu para pescar. A pescaria estava muito boa, aquele lago, onde Seu Mambaia estava, era muito farto. Seu Mambaia estava muito alegre, pois havia capturado muitos peixes. No entardecer do dia, o experiente pescador estava indo para sua casa feliz, quando, de repente, apareceu uma grande cobra do lado de sua pequena canoa. O réptil era muito, muito grande.

Seu Mambaia, muito agoniado, sem saber o que fazer, se viu em mais uma situação difícil. A cobra-grande estava entrando em sua pequena canoa, eis que o velho guerreiro pensou: - Vou enfiar meu dedo no rabo dessa cobra, e não deu outra, Seu Mambaia fez o ato. Mais do que rápido, a cobra deixou a canoa e foi embora. Quando

chegou a sua casa, Seu Mambaia contou para os seus filhos e todos ficaram muito aterrorizados.

No dia seguinte, bem de manhãzinha, o velho pescador saiu novamente para pescar no mesmo lago onde havia acontecido o episódio com a cobra. A pescaria já não tava tão boa como no dia anterior, mas ele continuava a pesca. Eis que a cobra aparece de novo, dessa vez, muito mais braba, pois tinha passado o dia todo sem se alimentar. A cobra foi entrando na canoa em direção ao Seu Mambaia. Ela estava faminta.

O velho ficou muito agoniado, com bastante medo da grande cobra. Nesse instante, ele teve uma ideia, mostrou dois dedos de sua mão para cobra e, quando a cobra olhou seus dois dedos, rapidamente deixou a canoa de Seu Mambaia sem fazer absolutamente nada.

Jonathan Gonçalves Lima
IFAM / Manacapuru

10 - SEGREDOS DA FLORESTA

Na pequena cidade de Manacapuru, há muito tempo vivia um homem que parecia ter não medo de nada. Sempre forte, nada o abalava. Certa vez, ele foi pescar com alguns amigos e, do nada, um enorme e feroz jacaré o puxou para dentro do lago, seus amigos ficaram sem saber o que fazer. No entanto, nada foi preciso fazer, o homem lutou ferozmente com o jacaré, até os dois desaparecerem por alguns minutos e, com um pulo para fora d'água, o homem surgiu com o rabo da enorme fera em suas mãos.

Os amigos ficaram tão felizes que fizeram uma grande festa na pequena vila em homenagem ao homem que ficou conhecido como o Matador. Desde então, ficou encarregado de proteger todos os moradores da ameaça dos jacarés ou contra qualquer outro perigo que viesse pôr em risco a pequena vila de Manacapuru. Ele matava onça, cobra, sempre usando uma pequena faca que havia achado em uma árvore quando ainda era criança. Todos, na vila, o tinham como herói e, sempre que se sentiam ameaçados, procuravam-no.

Certa noite fria e chuvosa, um morador da vila chamado Barreto, bateu na porta do Matador, ao abrir a porta de madeira, se deparou com um homem muito assustador. Matador logo perguntou o motivo de tanta aflição. O homem, assustado, disse: - Venha, venha ver isso! O herói não pensou duas vezes e seguiu o desesperado homem, que o levou até um aglomerado de pessoas. Ao chegarem ao local, onde havia um corpo de uma criança jogado no chão, rodeado por muitos curiosos, percebeu o estado de horror em que estava o pequeno menino chamado Carlos.

A criança havia saído, não fazia muito tempo, para atar uma malhadeira próximo da vila. O corpo foi achado por um senhor que tinha acabado de chegar da pescaria. Todos na vila estavam assustados, pois nunca tinham visto algo parecido e, nem mesmo, tinham ideia de quem ou o que teria praticado tal brutalidade. O Matador que, quase não esboçava emoções, deixou cair uma pequena lágrima sobre o corpo do menino que, sem nenhuma explicação, deixou suas famílias tão cedo, apenas com a dor da perda.

Logo, o herói da vila reuniu todos os homens da comunidade para irem atrás do culpado pela morte do garotinho. Não demorou muito para saírem em suas canoas, todos com uma poronga iluminando aquela noite que parecia ser a mais escura e sombria de todas. O Matador saiu com o seu velho amigo Leandro que remava incessantemente até o local onde tinham encontrado o menino. Ao chegar ao local, que ficava próximo de uma floresta muito amedrontadora, não encontraram nada de diferente e, por um tempo, os dois ficaram calados, tentando ouvir algo de diferente. Quando

pensavam em voltar, ouviram algo se lançar na água de forma a fazer a canoa em que eles estavam balançar e quase que os dois se alagaram.

Leandro ficou muito assustado e chegou o mais próximo possível do Matador ao ponto de quase abraçá-lo. Depois disso, não se ouviu mais nada. Os dois então decidiram voltar ao encontro dos outros. Quando saíam do local, ouviram um grito muito forte: - Ei, venham! Encontrei! Encontrei! Quando chegaram ao local de onde vinham os gritos, viram que era outro morador, Marco, que também tinha saído para investigar o caso da criança e, por coincidência, era tio do garoto.

Os dois logo perguntaram:

- Marco, o que foi? O que você encontrou? Ele respondeu: - Venham ver isso! Marco levou-os até um local dentro da mata, onde viram um caminho bem estreito, porém longo. O que mais chamou a atenção foram as manchas de sangue que cobriam as folhas. Leandro disse:

- Vamos pra casa, amanhã continuaremos e veremos o que tem no fim desse caminho!

Marco, sem dizer uma palavra, concordou. Matador, sem falar nada, saiu andando sozinho pelo caminho como se não tivesse medo,

era visível o ódio que ele sentia naquele momento. Os dois até pensaram em segui-lo, mas estavam com muito medo para realizar tal feito e voltaram para casa sem dizer uma palavra sequer um ao outro. No dia seguinte, todos da vila, reuniram-se para dar o último adeus ao garoto que tão cedo se foi. Depois do velório, todos os homens da vila reuniram-se e Leandro falou a todos o que tinha ocorrido na noite passada. Todos ficaram aflitos e foram logo ao local onde havia o misterioso caminho, mas nada encontraram lá, a não ser as marcas do sapato do tão corajoso Matador.

Passaram-se vários dias e nada de notícias do herói destemido. Todos já tinham a certeza de que ele estava morto, até os moradores começarem a ouvir gritos arrepiantes vindos da floresta durante três noites seguidas.

Em uma noite muito chuvosa, um dos moradores, chamado Thiago, estava amarrando a canoa no porto, quando viu aquela sombra vinda de longe em sua direção, sem pensar duas vezes, saiu correndo e gritando bem alto:

- Socorro! Socorro! É o capeta! Rapidamente, todos saíram de suas casas para ver o que estava acontecendo e logo viram que quem estava ali não era o capeta e sim o Matador, muito fraco, caiu em frente aos degraus da igreja da pequena vila de Manacapuru. Prontamente, todos o levaram para a casa dele. Ele estava muito fraco e todo machucado. O mais estranho de tudo, era o forte odor que enfestava todo o quarto. Puseram-no na sua velha rede e o deixaram descansar.

Passaram-se vários dias e nada de o valente guerreiro falar ou expressar alguma reação, mas o forte odor ainda o acompanhava.

Certo dia, um dos seus amigos chamado Sabino, foi visitá-lo. Bateu na porta e quem o atendeu foi Leandro, os dois se puseram à beira da rede do Matador tentando obter alguma resposta a respeito do que tinha acontecido. Ambos deram as mãos e começaram a orar pedindo pela cura do grande herói e, antes de dizerem amém, ouviram-no dizer: - Foram eles, foram eles... Sabino, então, perguntou: - Eles quem? Eles quem?

Com suas últimas forças, o Matador respondeu: - Eu estava andando pelo caminho quando vi uma mulher, ela parecia estar nua, não dava pra ver direito, estava de costas. Quando perguntei quem ela era, ouvi um grito muito forte e, quando virou de frente, percebi que não era humana, sua barriga tinha uma abertura semelhante a uma cova e, o mau cheiro que exalava, quase me fez vomitar. Aquela coisa veio pra cima de mim. Eu, desesperado, pequei o meu pequeno canivete e comecei a lutar, era forte e brava, já tinha lhe arrancado um dos braços. No entanto, ela lutava como se tivesse três, até que peguei uma vara bem grossa e enfiei no buraco que havia em sua barriga e, finalmente, a matei.

Depois disso, corri pela mata desesperado durante três dias, até encontrar uma velha casa de madeira coberta com palha. Não pensei duas vezes e entrei. Procurei algo para comer e beber, encontrei apenas castanha e umas frutas que nunca tinha visto, mas extremamente

deliciosas. A casa não tinha nenhuma mordomia, mas tinha um cheiro de flores de jenipapo muito forte. Quando a noite estava chegando, ouvi passos vindos do lado de fora da casa, como se alguma coisa tivesse se aproximando. Resolvi me esconder debaixo de uma velha mesa de madeira e, de repente, não ouvi mais nada, até que decidi olhar por uma brecha na parede, mas já estava escuro e eu me sentia muito cansado e, do nada, peguei no sono.

Quando acordei, encontrei a mesa repleta de frutas, sinal de que alguém tinha vindo me visitar. Não resisti e comi o máximo que pude antes de partir. No momento em que eu saía da casa, me veio uma vontade enorme de ver quem morava naquela velha moradia. Então, subi em uma árvore próxima da cabana e me escondi ao máximo para não ser visto. Quando a noite vinha chegando, ouvi um pequeno e estranho grito. Um pássaro branco pousou próximo de onde eu estava e pude ver um enorme clarão e, logo em seguida, vi um homem com roupas bem velhas e rasgadas entrando na casa, fiquei com medo de descer da árvore e ser visto, então decidi esperar mais um pouco. Quando pensei que não ia ver mais nada de estranho, percebi uma onça pintada se aproximando da casa, a porta se abriu e ela entrou. Não demorou, o homem e a onça estavam falando uma língua estranha, como se tivessem discutindo. Por um instante, fechei os olhos e, quando abri, não vi mais a onça, só havia um pequeno homem sem camisa bem negrinho que andava de um lado pro outro como se tivesse pensando.

Depois disso, apaguei novamente num profundo sono. Quando acordei, ainda estava escuro e a lua já estava quase se pondo. Desci da árvore e corri até não aguentar mais. Fiquei vagando pela floresta

durante vários dias e vi coisas que nem quero lembrar, só de pensar que até hoje ouço a voz do menino gritando por socorro sem nada poder fazer para ajudá-lo, mas sei que logo vou poder encontrá-lo.

Depois de contar o que tinha visto na floresta, o Matador ficou sem falar nada por quase um mês, até sua morte em uma noite chuvosa e sombria.

José Welley Caldeira Alves
IFAM / Manacapuru

11 - AMORES TROCADOS

Santa Maria é uma localidade às margens do rio Solimões, nas proximidades do município de Manacapuru. Lugar tranquilo, algumas casas de madeira, um salão de festas e uma igreja, onde são realizadas as missas aos domingos.

O local possui todas as características de uma comunidade ribeirinha do interior do Amazonas. Vida simples, o tempo passa devagar. Durante a semana, as crianças vão à escola, os homens trabalham na roça e as esposas cuidam dos afazeres domésticos. No fim da tarde, depois de um cansativo dia de trabalho braçal, é comum as famílias sentarem à beira do rio para, embaixo das árvores, “olharem o rio passar”, o vai e vem das canoas balançando no banzeiro do rio e a correnteza levando consigo restos de floresta e o sonho de um povo sofrido, mas aguerrido. Quando chega o final de semana, tem jogo de futebol em um campinho de terra batida, construído pela própria comunidade. Ah, também tem missa na igreja.

Todos os moradores se conhecem. As crianças vão crescendo, casando e, de alguma forma, todos acabam se tornando parentes. Esse cenário já foi palco de muitos romances, muitos casos de amor.

Genivaldo, filho de um morador antigo da comunidade, casou com Margarida, foi amor à primeira vista. Tiveram três filhos durante nove anos de convivência matrimonial. Valdomiro namorou Margarete, logo se apaixonaram e, em pouco tempo, já estavam morando juntos. Do relacionamento, nasceram quatro filhos.

Tudo ia bem. Os casais pareciam feitos um para o outro. A vida no vilarejo seguia o ritmo das correntezas, na paz e na tranquilidade da floresta.

Certo dia, durante uma quermesse, realizada para comemorar o dia da santa padroeira da comunidade, uma troca de olhares e apertos de mãos mudariam o ritmo da vida daquele lugar. Dali em diante nada seria como antes.

O clima de paquera estava no ar. Genivaldo, marido de Margarida, começou uma troca de olhares com Margarete, esposa de Valdomiro, logo os dois começaram a se encontrar às escondidas. A paixão foi inevitável, pareciam dois adolescentes perdidamente apaixonados, inconsequentes...

Os dois já não conseguiam esconder o que já era notório. Todos, na comunidade, comentavam o caso de amor do casal adúltero. Como era de se esperar, logo os cônjuges traídos tomaram conhecimento da traição. O fato provocou desentendimentos, brigas e desavenças em toda a comunidade.

Nada impedia os apaixonados de se encontrarem. O que todos temiam não demorou acontecer. Genivaldo e Margarete deixaram suas famílias e foram viver juntos. Enfrentaram tudo e todos. Valdomiro e Margarida, abandonados pelos companheiros, herdaram os filhos para criar.

A vida é mesmo uma “caixinha de surpresas”! Desiludidos e desprezados, os dois abandonados começaram a se encontrar para conversar, “trocar ideias” e buscar forças para superar tamanha decepção. Tornaram-se amigos e a amizade logo evoluiu para um namoro.

Pouco tempo depois, eles já estavam perdidamente apaixonados. Formaram uma nova família, agora com sete filhos para criar

Josué Cordovil Medeiros
IFAM / Manacapuru

12 - OS ANJOS

Essa é uma história de amor, uma história de dois jovens. Como dizem, “o amor tudo suporta”. Esses dois jovens amavam suportar um ao outro e todos os seus problemas.

Na verdade, no início, “tudo são rosas”. Gustavo e Amora eram dois jovens que se conheceram por um acaso do destino em Manacapuru, uma pequena cidade no interior do Amazonas. Eles se tornaram amigos e adoravam conversar sobre as coisas da vida e sobre seus sonhos. Horas passavam, madrugadas entravam e os assuntos não acabavam. Depois de um tempo, mesmo sem eles perceberem, aquilo estava virando amor.

Antes de conhecer Gustavo, Amora tinha alguém na sua vida, uma pessoa boa, mas que não a completava de verdade. Já Gustavo, antes de conhecer Amora, levava uma vida de desilusões, sem saber o significado certo das coisas. Mas sabe aquele papo clichê de que um dia você vai encontrar sua alma gêmea? Eles viveram isso intensamente

durante muito tempo, eles sempre diziam que um era o anjo da guarda outro e que, independente de qualquer coisa, eles iriam se proteger.

Com o tempo, os sentimentos foram crescendo, mas algo impedia o dois de ficarem definitivamente juntos. O medo de errar afastava um do outro. Eles se queriam, fechavam os olhos e sonhavam com um futuro de paz e amor, mas não adiantava. No entanto, eles sabiam que sempre iam estar no coração um do outro. O tempo passou e eles não aguentaram, foi mais forte que eles, o primeiro beijo aconteceu. Esse momento, foi uma explosão de sentimentos. Para os dois, o simples fato de terem se conhecido já era ótimo. Além do mais, o que eles sentiam não tinha explicação, eles realmente se entregaram de alma e coração.

Até que um dia, os anjos se juntaram, os corações saltitavam de alegria, no céu deles não existia tristeza. Entretanto, chegaram as dificuldades, os problemas, mas não se deixavam abater. Amora e Gustavo suportaram muitas coisas, foram muito felizes, viveram muitas loucuras, amaram intensamente. Porém, com o tempo, tudo foi se desgastando, brigas chegando, a decepção entrou no lugar do amor, mas calma, não se apavore, o amor não deixou de existir.

A relação esfriou e eles decidiram se separar, dar um tempo para o coração e, até hoje, eles vivem assim. Os dois se amam, se desejam. Na realidade, eles se completam, mas preferem ficar longe um do outro para evitar mais problemas. Então, eu me pergunto, do que adianta amar e estar longe?

Do que adianta sofrer por algo que pode ser resolvido? Nem Gustavo, nem Amora sabem responder a isso. Eles dizem que a vida vai responder por eles e que se ela quiser, os anjos vão se juntar de novo para viverem num céu lindo e sem tristeza, que é o lugar de amor deles.

Kamily Alves da Silva
IFAM / Manacapuru

13 - EM BUSCA DE UM PASSARINHO

Na zona rural de Manacapuru, moravam poucas famílias, conta um senhor mais antigo. Seu nome era Zé! Ele conta que, na cidade de Manacapuru, um homem de nome João, que era caçador, tinha uma filha de cabelos longos, pele escura, olhos castanhos escuros, magra, cabelos castanhos.

Ela tinha mais ou menos 10 anos, seu nome era Joana, estava pedindo um passarinho ao pai. Ele queria fazer a vontade da filha. Para isso, à noite, ele saiu para caçar e para capturar o passarinho, mas levou a filha única com ele. Os dois, então, foram para longe de casa.

Foram em uma pequena canoa, seu João levou dois jaraquis, um punhado de farinha de mandioca e também uma espingarda com intuito de passar a noite caçando. Então, ao chegar ao local, onde seria o esconderijo deles, viram muitas árvores escuras, mas nem tanto, pois a lua iluminava com sua luz. Então eles desceram da canoa e subiram em um barranco, logo João ouviu algo, um barulho que vinha do meio da mata escura.

João e a menina ficaram quietos prestando atenção, em silêncio.

- Joana, eu não sei o que tem nessa mata, nunca vim antes aqui. Fique aqui, em silêncio! Pediu o pai à criança. Seu João foi atrás do barulho que vinha da mata. A menina, assustada no meio da mata assombrada, começou a ficar nervosa. Olhou para perto de uma árvore e viu que ali estava um passarinho.

Ela não resistiu e saiu correndo atrás do passarinho e, quando se deu conta, já estava perdida. Desesperada, Joana começou a gritar com aquela voz de choro. - Papai, cadê você? Chorava alto e chorou tanto, chorou tanto que desmaiou. Seu João já tinha ouvido os gritos de socorro. Ele ficou se perguntando qual era pessoa que gritava por socorro e, rapidamente, começou a correr para onde ouvia os choros da menina.

Depois de um tempo, a menina acordou, abriu seus olhos e, olhando em volta, viu apenas uma escuridão e tornou a gritar: - Papai, cadê você? Implorava a pequena.

Um bom tempo se passou, mas ele já estava perto da filha e ouviu os gritos cada vez mais fortes. Era a Joana gritando por ele, mas ela começou a correr sem rumo, quando parou, olhou para trás e viu um grande clarão, era o *Fogo-fato*, uma visagem da mata amazônica.

A pobre coitada se escondeu atrás de uma mangueira grande, andou mais um pouco e sentou-se no chão, à espera de que alguém a encontrasse. Então, começou a ouvir aqueles passos vindo na sua direção. O terror foi tomando conta da pequena, e ele, o fantasma, o Fogo-fato, se aproximou da pobre coitada e, de repente, desapareceu.

O pai finalmente encontrou a filha e falou:

- Filha, pare de chorar, já vamos para casa, tá? A tua mãe deve estar preocupada com a gente. Os dois voltaram para a casa sem o passarinho. Maria, mãe da menina, perguntou:

- O que foi que você viu, minha filha? A garota respondeu bem triste:

- Nada mãe, são apenas fantasias, a noite passou. Mas aquela noite para Joana parecia não passar nunca. Era angustiante. Então ela começou a cantar uma canção e olhou pela janela e logo viu aquele passarinho... Não acreditava no que estava olhando, se aproximou devagar. Pegou o passarinho nas mãos, como se fosse por encanto. Com o animalzinho nas mãos, foi ao encontro dos pais e mostrou. A noite passara, mas o passarinho...

Kendrya Bruna Cascais de Carvalho
CMPM IX / Manacapuru

14 - HISTÓRIA DE UMA MENINA CHAMADA RAFAELA

Dia 13 de novembro de 2003, nasceu uma menina chamada Rafaela, de família humilde, a pequenina não sabia como a vida podia ser cruel. Mas com o passar do tempo, aprendeu aquelas coisinhas clichês que toda criança aprende facilmente, como engatinhar, andar e até mesmo falar algumas palavras erradas ou metade delas.

Quanto mais crescia, ia aprendendo a falar direito, com poucos erros, mas aprendia. Porque só conseguimos alguma coisa dando o primeiro passo. Quando Rafaela deu seu primeiro passo, a família toda ficou muito feliz e foi um alvoroço, a sua primeira palavra, seu primeiro riso, seu primeiro choro e muitas outras coisas eram motivos de felicidade para a família.

Antes dos cinco anos de idade, Rafaela queria muito estudar em uma escola chamada Jamil Seffair, ela queria muito conhecer novas amiguinhas, era uma ansiedade tão grande que, quando a mãe da menina foi matriculá-la, ela não cabia em si de tanta felicidade. A criança contava os dias para sua primeira ida.

Estava faltando apenas um dia para ela começar a estudar. Ela estava tão radiante de alegria que saiu contando para todos da casa. À noite, ela foi dormir muito alegre.

Por fim, amanheceu um dia maravilhoso. Era o primeiro dia de aula da Rafaela. Bastante feliz, a criança chamou Dona Maria, sua mãe, que preparou uma merenda para a menina levar para escola.

Chegando ao Jamil Seffair, notou que a escola era enorme, tudo muito arrumadinho, sentou-se em uma cadeira esperando os outros alunos e sua professora chamada Cláudia chegarem. Os minutos foram se passando e, quanto mais crianças chegavam, mais Rafaela se admirava com elas. Então chegaram todos os alunos. Rafaela olhou para os colegas de sala e começou a estranhar, porque não era como ela pensava. Quando sua mãe foi buscá-la, estava sozinha e muito triste. Assim, Rafaela contou para Maria que não foi como ela pensava, que tinha sido tudo diferente, porque as crianças maiores faziam brincadeiras de mal gosto, apelidavam e debochavam dela.

Depois de uma semana, ela conseguiu o que tanto queria na sua primeira escola, fazer novas amiguinhas. As melhores amigas de Rafaela eram chamadas de Nayra e Vitória.

Os pais de Rafaela eram Maria e Francisco, eles eram separados, ela tinha três irmãos chamados Douglas, Eduarda e Fernanda, um deles foi morar em outra cidade chamada Manacapuru. Ela era uma menina tranquila, sua casa era humilde, suas roupas eram desbotadas, mas isso não a envergonhava, porque ela não era daquelas meninas que são pobres e se dizem com espírito de ricas. Ela não era daquele tipo de meninas que querem ser acima de todos e sim uma

menina muito legal, uma criança que não queria estar acima das pessoas.

Com o passar dos anos, mesmo com as dificuldades, ela conseguiu terminar seus estudos, venceu os obstáculos e se tornou uma mulher de sucesso. Dona do seu próprio negócio, casou-se com Fernando, teve uma filha chamada Isabela, para qual ela ensinava os valores da vida, que a vida não seria fácil, mas deveria amar as pessoas que estavam ao seu redor e sempre acreditar que tudo é possível, que a vitória vem para aqueles que insistem.

Laiane Franco Leal
CMPM IX / Manacapuru

15 - A FORÇA DE UMA RIBEIRINHA

Uma ribeirinha corajosa e esperta vivia na margem do rio Solimões em uma comunidade rural próxima de Manacapuru. Ela se chamava Cecília, menina muito inteligente. Desde pequena gostava muito de ler. Com sua gentileza, adorava brincar com os botos que ali passavam sempre antes do pôr do sol.

Junto ao seu pai, que se chamava Jorge, sempre iam, no calar da noite, pescar. Durante a pescaria, Cecília, costumeiramente, gostava de ficar na popa da canoa enquanto o pai dela ficava jogando a tarrafa no rio. Com o passar da noite, a jovem muito cansada por ter brincado o dia todo, adormeceu no porão da canoa.

Ela dormia como um anjo. Em seu sonho, estava no meio de uma floresta, na qual jamais vira antes. Sem saber o que fazer, andou por horas pela mata adentro sem que houvesse sequer um vestígio de presença de alguma pessoa perto de lá. Desesperada e sem saber o que fazer, começou a chorar. Porém, quando estava chorando, escutou algo e, quando levantou a vista, pôde ver uma onça que se aproximou e disse:

- Cecília, ajude-nos a impedir os homens maus de derrubarem a floresta!

Assustada, Cecília perguntou onde estava e a onça disse:

- Você está na floresta negra que, há muito tempo, sofre por causa dos homens maus.

Vendo que não poderia sair desse mundo em que se metera inusitadamente, disse à onça que a ajudaria. Com tremenda felicidade, a dona onça a levou para o esconderijo no qual abrigava os animais da floresta.

No dia seguinte, Cecília e a dona onça, andando pela floresta, viram os homens maus. Mas a garota destemida e corajosa aproximou-se deles e começou a questioná-los sobre o porquê da derrubada das árvores. E eles responderam:

- Pequena, sentimos muito por derrubar essas árvores, porém temos família e precisamos derrubá-las para que possamos sustentar os nossos filhos.

Nesse momento, que pôde ouvir o lado dos tais homens maus, a jovem despertou por ter caído da canoa quando o seu pai recolhia a tarrafa.

No dia seguinte, pensando no que houve no dia anterior, percebeu que muita coisa do que as pessoas falam que acontece em tantas florestas e, até mesmo na dela, às vezes, é muito distorcida da realidade. Nem sempre as pessoas que contam ou que ouvem as notícias veiculadas nos meios de comunicação, levam em consideração a situação em que muitas famílias vivem nas florestas e que o único meio de sustento é a exploração dos recursos naturais.

Por causa disso, a menina decidiu estudar na cidade de Manacapuru para que pudesse, no futuro, se formar e ajudar a cuidar da floresta e do povo que nela habita. Foram anos de muito estudo e dedicação. Depois de formada, pôde notar que era um município de extrema beleza e que ele abrigava algumas reservas ambientais que sofriam muito com a insalubridade de seus rios que começaram a ficar poluídos.

A partir daí, Cecília começou uma das lutas mais importantes de sua vida, a luta para proteger a maior floresta tropical do mundo, a floresta Amazônica, de extrema importância para todos e de imensa insignificância para poucos.

Marcus Vinícius Martins de Oliveira
IFAM / Manacapuru

16 - A PEQUENA SONHADORA

Brincava em seu quintal a pequena Alice. Ela tinha uma imaginação além do impossível. Na cidade de Manacá, onde os sonhos predominavam, Alice voava além da imaginação. Sua família costumava levá-la para conhecer alguns pontos turísticos de Manacapuru. A menina sempre imaginava algo extraordinário para cada lugar que conhecia.

Ela sonhava conhecer os dragões dourados que ganhavam vidas e reinavam no parque do Ingá nas noites do festival de cirandas. A garota acreditava que as alegorias eram reais e se imaginava montada sobre um dragão. Saía voando sobre a cidade, cortando o céu como relâmpagos e, da boca do dragão, saía luzes como fogos de artifícios que iluminava o céu de Manacapuru.

Na frente de Manacapuru, o cais, para ela, se tornava grandes muralhas de um grande reino do passado. Essas muralhas protegiam o reino das cobras gigantes que estavam adormecidas na ilha que fica em frete à cidade. Já o Cristo da Praça do Pirarucu era o protetor do reino.

Quando Alice ia ao Miriti, imaginava ser uma sereia de cauda dourada, falava com os peixes e dava piruetas no ar. Tudo isso para destruir a maldade que há nos corações dos homens. Ela adorava cantar a canção do coração.

Quando Alice viajava até Manaus, ao longo da estrada Manuel Urbano, podia ver os cavalos pastando livres nos campos e imaginava que eram lindos unicórneos. Quando esses animais saíam voando sobre as fazendas e matas, de sua cauda saíam lindos arco-íris. Eles voavam até sua escola e pousavam no gramado do Estádio Gilbertão, todas as crianças saíam correndo da escola e abraçavam os unicórnios.

Quando seus pais a levaram para conhecer o IFAM, ela levou um arco e uma flecha de brinquedo. Lá, imaginou ser uma linda índia poderosa e uma grande guerreira que protegia os animais dos caçadores.

Pode imaginar, pequena Alice de seis anos. Veja a Princesinha do Solimões como lugar mágico e belo para se viver e ser feliz.

Maria Francisca da Silva Lima
Autora Manacapuruense

17 - UM SONHO

Leandro Joaquim de Palmas era um menino que sonhava em ser médico e se dedicar a honrada carreira de medicina. Era um menino muito pobre. Sua família passava por dificuldades financeiras constantemente. Morava em Manacapuru, próximo ao rio. Por conta disso, sempre que o sol estava se pondo, ia para a janela admirar o tão radiante fim de um dia que, para ele, era como se fosse o primeiro de todos.

Estudava em uma escola bem longe de sua casa. Para estudar, precisava fazer uma caminhada diária de cerca de 3 km porque não tinha dinheiro para pagar condução. Seu pai ganhava pouco como pescador e o que recebia mal dava para comprar comida. A mãe havia morrido quando ele tinha apenas três anos. Isso sempre o deixou abalado, pois não tinha sequer conhecido a mulher que lhe trouxe a esse mundo cruel.

O menino tinha um enorme talento. Mesmo com seus trajés velhos, ele tinha o dom de falar em público. Certa vez, foi convidado por

uma professora para morar com ela. Leandro nem sequer pensou na proposta, pois tinha em seu coração um grande amor pela sua família, mesmo com todas as dificuldades que enfrentava.

O garoto sonhador sempre conviveu com as tentações da vida e, desde cedo, teve de dizer não ao tentador mundo das drogas. Um dia, recebeu um convite para ir à casa de um amigo onde estavam todos os seus colegas reunidos para uma confraternização. Um deles logo acendeu um cigarro e não demorou muito para que todos comessem a fumar. Leandro resistiu à pressão dos amigos e se recusou a fumar junto com eles. Por causa disso, foi zocado por todos os que ali estavam.

Leandro sempre se apaixonava muito facilmente. Bastava ver uma moça bonita que logo ele pirava. Mas seu grande amor era uma linda menina chamada Cecília de quem tinha um enorme medo de dizer até um simples bom dia. Ele a amava tanto que mesmo ela namorando com outro garoto, ainda a olhava como se fosse a última mulher desse mundo. Cecília era de um grupo social bem diferente do dele, era filha de um homem muito rico da cidade. Esse seu amor por essa moça nunca foi correspondido.

No entanto, o jovem rapaz sempre fez de seus piores momentos o motivo para lutar e nunca desistir de seus sonhos, mesmo que, às vezes, parecesse impossível ser realizado. Com muita luta, ele conseguiu terminar o Ensino Médio.

Mas as dificuldades da vida sempre o acompanharam. Certa noite, como era de costume, seu pai saiu para pescar. Entretanto, antes de sair, foi até Leandro e disse a seguinte frase:

- Tenho muito orgulho de ser seu pai, sei que não pude lhe dá o que você merecia, mas saio hoje com a certeza de que se tornará um homem justo e sábio.

Essa foi a última vez que Leandro viu seu velho pai. O pescador nunca mais foi visto. Somente sua canoa foi achada no fundo do rio. O rapaz sonhador agora se encontrava sozinho nesse mundo. Por isso, teve que se virar como pôde, trabalhou em vários lugares, mas nunca desistiu de seu verdadeiro sonho. Quando, finalmente, se formou na faculdade, no curso de Medicina, foi até o meio do rio em uma canoa e gritou bem alto dizendo:

- Pai, eu conseguiiiiiii! E, com o coração cheio de felicidade, jogou seu diploma no rio em homenagem ao seu maior herói.

Leandro se tornou um dos melhores médicos de Manacapuru e ficou conhecido por cuidar dos menos favorecidos.

Marklison Endril Mesquita Coelho
IFAM / Manacapuru

18 - DESCOBRINDO A MATEMÁTICA

A história que eu vou contar você não a ouviria em nenhum outro lugar. Pois só quem quer caminhar, corre o risco de tropeçar e, é por isso, que vou contar a história do jovem Baltazar. Esse menino simples adorava calcular, vivia nas nuvens e dizia que aquele era o seu lugar, quando ia para escola, precisava caminhar 3 km, se quisesse estudar. Como sua cidade era menor que o Manacá, sua mãe o obrigava a ter de caminhar, até porque eles não teriam condições de pagar uma condução para levá-lo até à escola.

Sua mãe era muito pobre e precisou, logo cedo, criar sozinha seus 7 filhos. Por isso, o jovem Baltazar queria estudar para, no futuro, uma vida melhor poder dar a sua mãe. Entretanto, existia uma pequena adversidade, Baltazar não fazia nem ideia da profissão que iria se formar. Foi aí que ele viu que, no seu caminho, teria vários obstáculos a ultrapassar.

Tentou primeiro o Português, o problema é que em línguas não conseguia muito se expressar e, por ter uma certa timidez, seria difícil ensinar, até por que, como é que um professor vai ensinar se nem direito o português ele próprio sabe falar? Foi então que ele pensou em Geografia. Mas logo ele lembrou que, de localização, muito não

entendia, porém Baltazar era filho de Dona Ana Maria da Conceição de Almeida Pereira dos Santos da Silva, mulher persistente, que nunca desistia de nada. Sendo assim, o jovem decidiu tentar outra profissão. Foi então que ele tentou Química, mas sozinho pensou: - Como é que eu vou ensinar, se nem conheço os elementos da família 7ª? Entretanto, Baltazar é do norte, por isso é forte.

Resolveu se aventurar em Sociologia, só que, todavia, insistia em de Karl Marx discordar, por isso decidiu a Sociologia abandonar. Foi quando, triste e cabisbaixo, o jovem saiu a caminhar, já se achando “enodado”, andando, sem saber para onde ir, pelas ruas desta plausível cidade. Mas um garotinho que, por ali passava, pediu ajuda em uma simples questão de matemática, perguntando o resultado de 2 laranjas mais 3 mangas, quando Baltazar respondeu 5, começou a refletir sobre os números e percebeu que todas as áreas já havia tentado, mas de nenhuma tinha gostado. Então ele percebeu que de matemática um pouco ele sabia e que ela está em todo o lugar, basta procurar.

A partir desse momento, conseguiu forças para estudar e se formar. E hoje, como ele está? Hoje, eu deixo para você imaginar. O hoje de Baltazar pode ser o seu, basta lutar pelos seus ideais. Dessa história de superação podemos observar que jamais existirão obstáculos maiores que você. Por isso, nunca desista dos seus sonhos! Faça com que ele resista às noites mais escuras, para que, no final, você possa ver o nascer de um novo dia de sol.

Maxwell Sabino Rebouças Ximendes da Silva
IFAM / Manacapuru

19 - UMA VIDA DE FÉ

Nasci na cidade de Manaus, mas passei a morar no município de Manacapuru, onde dei início a minha vida, foi uma infância maravilhosa.

Com 12 anos de vida, eu pensava que teria para sempre meus pais juntos de mim, mas tudo tomou um novo e triste rumo. Eles se separaram. Esse foi o início de uma vida de muita dor, angústia, desprezo, descontentamento. Para eu viver longe do pai que eu tanto amava, tornou-se um pesadelo, pois eu tinha muita afinidade com ele.

Ele era um pai carinhoso, amigo, prestativo e nunca precisou me bater, aliás, ele não bateu em nenhum dos meus outros irmãos. Pense em um pai legal!

Mas chegou outra mulher na vida dele e por isso nos abandonou.

Meu pai, quando saiu da nossa casa, deixou minha mãe com 5 filhos. Era e até hoje é cabo reformado da PM. Ele deixou seu ordenado com minha mãe para o nosso sustento, mas mesmo com esse valor, não dava para suprir nossas necessidades.

Na maior parte do mês, eu, meus irmãos, minha mãe e meu avô, que era o pai do meu pai, almoçávamos, merendávamos, e jantávamos pão. Foi um momento de muita luta. Por esse motivo e pela traição do meu papai conosco e com minha mãe, ela adoeceu de tuberculose e, por um milagre de Deus, não morreu.

Minha mãezinha me ensinou muitas lições. Uma delas foi temer e amar a Deus sobre todas as coisas. Todas as madrugadas, quando eu acordava e sentia falta dela na nossa cama, ou, às vezes, na rede, eu levantava e ia ver onde ela estava e a via lendo a Bíblia Sagrada, falando com Deus. Hoje, com os seus 77 anos de idade, tem essa intimidade com o Papai do céu.

Estudei na Escola Estadual Nossa Senhora de Nazaré. Nessa escola, concluí o meu Ensino Médio em Magistério. Aos 21 anos de vida, me casei. Mas para minha tristeza e decepção, fui trocada por outra. Que amarga ironia, do mesmo jeito e motivo que meu pai deixou minha mãe, meu esposo também me deixou. Desse relacionamento, tive um filho, meu primogênito.

Tive que mudar para Manaus e trabalhar arduamente para sustentá-lo. Depois de 5 anos separada, conheci Carlos, que há 6 anos é meu esposo e companheiro, um presente de Deus. Dessa união, tive 5 filhos, sendo que 2 vieram a óbito e 3 vivem conosco e alegram nossas vidas, Matheus, Luna e Âmbar. Eles são nossos diamantes, pedras preciosas que o Senhor Jesus fala em sua palavra, que filhos são herança do Senhor.

Hoje somos pastores e vivo ao lado dos meus filhos, dando a eles amor, carinho, atenção, disciplinando-os e orientando-os a seguirem no caminho do Senhor. Tanto meu esposo quanto eu, temos um trabalho muito árduo com os dois filhos mais velhos. Por serem adolescentes, passam por mistos de sentimentos. Nós ficamos de joelho em oração, clamando e pedindo de Deus sabedoria, entendimento, discernimento, conhecimento e muito amor para ajudá-los em suas etapas de vida.

Concluo minha história com a palavra do Profeta Miqueias que diz: “Até aqui o Senhor tem me sustentado”

Só o Senhor Jesus Cristo tem todo o poder de sustentar uma vida e dar-lhe dupla honra.

Sou grata a ele por Seu amor e misericórdia

Amo minha família!

Mayra Vitória Gois de Araújo
CMPM IX / Manacapuru

20 - A SEREIA DO RIO MIRITI

Era uma vez, em uma pequenina cidade conhecida como Princesinha do Solimões. Os habitantes, em sua maioria, era pescadores. Certo dia de sol, um pescador chamado Beau foi à beira do rio Miriti em busca de pescar alguns peixes fresquinhos. Pegou sua canoa e começou remar rio adentro. Ele nunca havia pescado por ali. Ao invés de colocar o anzol para depois esperar o peixe morder a isca, ele resolveu colocar sua malhadeira. Voltou para casa esperançoso de encontrar sua malhadeira cheia de peixes no dia seguinte.

No outro dia, retornou àquele lugar para verificar sua malhadeira. Ao chegar lá, escutou alguns gritos de pedido de socorro. Olhou, observou, não avistou nada de diferente. Quando tentou puxar sua malhadeira, sentiu um peso enorme e logo pensou que a sua rede de pescar estaria cheia de peixe. Mas não estava. Assim que puxou mais uma vez a malhadeira, ouviu outro pedido de socorro. Quando olhou, avistou uma mão bela e delicada, ele ficou assustado. Quando se deu conta, era uma linda sereia que havia se enrolado na sua malhadeira.

Ele se jogou na água para ajudar a pobre sereia. Depois de resgatar a bela sereia, ficou sem saber o que dizer, impressionado e encantado diante de tanta beleza.

Então ela perguntou:

- Por que me olhas assim? Quem é você? Por que me ajudou?

Ele, assim, sem dizer nada, começou a sorrir. Ela ficou assustada e perguntou mais uma vez:

- Quem é você?

Ele respondeu:

- Sou Beau e você, como se chama?

- Meu nome é Pérola. Eu sou uma sereia, a mais linda deste rio.

Então ele sorriu e disse:

- Linda mesmo! Estou muito encantado diante de tanta beleza!

E, assim, passaram a tarde inteira conversando, ela dentro do rio, ele sentado na beira de uma praia que ficava logo ali. E, dia após dia, ele voltava para vê-la.

Certo dia, como de costume, foi até lá para ver a sereia, mas não a encontrou. Esperou durante a tarde inteira na esperança de que ela fosse aparecer a qualquer momento, mas nada. Entristecido, ele voltou para casa. Passou o resto do dia pensando no que deveria fazer para reencontrá-la. No dia seguinte, ele pensou:

- Hoje vou lá, novamente, procurar aquela que tanto amo, porém se eu não a encontrar, nunca mais voltarei lá.

Assim, resolveu fazer. Ao se aproximar da praia, ele a viu e remou muito mais rápido. Mas logo percebeu que sua amada estava muito triste. Então perguntou a ela:

- O que houve? Por que sumiu? Por que me deixou só? Por que está triste?

Ela disse:

- Calma! Explicarei tudo se me deixar falar.

Ele ficou em silêncio, esperando o que ela tinha para dizer. Ela, então, falou:

- Meu pai, o rei deste rio, me proibiu de voltar aqui à praia, falou que é muito perigoso, que eu posso acabar sendo raptada e que, caso isso aconteça, ninguém da minha família me verá mais. Tive muito medo, mas também tive angústia de não poder mais ver você. Por isso, vim para me despedir de você, pois nunca mais nos veremos.

Beau logo se desesperou disse:

- Vai me deixar? Apaixonei por você desde o dia em que tirei você da malhadeira, não penso em nada além de você, você roubou meu coração e agora quer machucá-lo?

Então ela se entristeceu e respondeu:

- Eu não quero fazer isso, mas devo obedecer a meu pai, porque ele jamais aceitaria que a bruxa me transformasse em um ser igual a você.

Beau, com lágrimas escorrendo dos olhos, retrucou:

Você pode se tornar igual a mim?

Ela respondeu:

- Claro que posso! Porém, somente uma pessoa é capaz disso lá em baixo, mas meu pai jamais aceitaria que a bruxa me transformasse.

Ele pergunta entristecido:

- Tem como eu me transformar em um ser igual você?

Ela abriu um dos melhores sorrisos da sua vida e disse:

- Você faria isso por mim?

Ele disse:

- Claro que sim! Você roubou meu coração e eu não posso deixá-la ir.

Assim, conversaram o dia inteiro e combinaram de se encontrar logo que o dia amanhecesse. Ela voltou para o fundo do rio para dizer ao pai da decisão do seu amado. Quando chegou lá no fundo do rio, procurou pelo seu pai e, com muita alegria, lhe disse:

- Pai, eu fui à praia de novo.

Seu pai ficou surpreso e triste, a filha havia lhe desobedecido, então ele falou:

- Por que você fez isso?

Ela respondeu:

- Aquele que amo mora perto da praia.

Seu pai se assustou e gritou:

- O quê? Você tem que amar aquele que mora aqui, o filho de Justin.

Ela começou a chorar e falou:

- Eu jamais me casarei com quem não amo!

Ele gritou novamente:

- Você vai se casar sim e ponto final.

Seu pai saiu, ela continuou aos prantos. A bruxa entrou em seu quarto e a socorreu perguntando:

- O que você tem?

Ela respondeu chorando:

- Meu pai não aceita o meu casamento com aquele que amo.

A bruxa perguntou:

- Como não?

Ela, soluçando, respondeu:

- Aquele que amo, mora próximo à praia, é humano por completo.

Então a bruxa falou:

- Eu posso transformá-lo em humano, mas tenho duas condições!

A sereia abriu um sorriso e perguntou:

- Sério? O que deseja em troca?

A bruxa, com um sorriso maligno, falou:

- Você nunca mais deverá aparecer neste reino e quando seu pai morrer jamais poderá herdar o trono.

A sereia, com medo de perder seu grande amor, concordou e marcou para ir à praia com a bruxa, assim que o dia amanhecesse.

Logo ao nascer do sol, a sereia e a bruxa partiram em direção à praia para fazer o feitiço e encontrar o seu amado. Quando chegaram à praia, elas se assustaram com os pescadores que ali se encontravam. A sereia foi capturada pela rede dos pescadores e a bruxa jogou o seu feitiço e fugiu. Beau chegou, ao ver o que estava acontecendo, perguntou:

- O que vocês estão fazendo com minha amada?

Os pescadores responderam:

- Ela é sereia, um monstro, encanta os homens e os atrai para o fundo do mar.

Beau, enfurecido, disse:

- Soltem minha amada! Deixem-na em paz!

Eles responderam:

- Nunca! Vamos matá-la e jogá-la no fundo do rio.

A sereia, que estava na rede, se transformou em uma mulher tão linda que os pescadores se assustaram com tamanha beleza. Beau, rapidamente, subiu na rede com uma faca e tirou sua amada das mãos dos pescadores. Ele a pegou nos braços e a levou para a casa onde viveram felizes para sempre.

Maysa da Silva Pinheiro
IFAM / Manacapuru

21 - FESTA DA TERRA PRETA

Mês de junho sempre foi uma data propícia para realização de uma festança. Nas terras de Manacá ocorre a tradicional Festa de Santo Antônio, do bairro da Terra Preta, conhecido Santo Casamenteiro. Todos os anos, o festejo é realizado com “levantações de mastros”, devoções, promessas, comidas regionais e muita música.

Esta conhecida festa é um dos grandes atrativos no mês de junho para a população e, ao longo do tempo, se tornou tradição na cidade. Em meados da década de 70, um jovem por nome Noé, decidiu conhecer a tal festa. Para isso, ele convidou dois amigos para acompanhá-lo, pois o local da festa ficava um pouco distante do centro da cidade, o único acesso que tinha por terra, era um longo caminho em meio às matas, mas o desejo festeiro de conhecer a solenidade religiosa de Santo Antônio era maior que tudo.

Ao chegar ao lugar da festa, Noé e amigos avistaram um grande terreiro próximo à margem do rio, local onde o festejo acontecia. Lá havia algumas casas de madeira cobertas de palha, uma pequena capela e uma sede, onde a festa dançante era realizada.

Os jovens logo foram convidados para participarem da tradicional “Levantação dos Mastros”, grandes troncos de árvores retirados da mata e enfeitados com samambaia, frutas, brinquedos e muitas bandeirolas. Enquanto o rito era realizado, os instrumentos reco-reco, batus e muita cantoria engrandeciam a cerimônia.

Ao longo da festa, Noé observou uma incessante chegada de canoas e barcos, todos com muitas pessoas vindas das comunidades ribeirinhas. Já em outras embarcações, o que se via era um volume de animais equinos, peixes e muita comida regional. Toda essa quantidade de alimentos era distribuída para todos os convidados, isso foi uma forma que os produtores, pescadores e devotos encontraram para realizarem e pagarem suas promessas.

Antes de começar o momento dançante, os fiéis aguardavam a chegada da imagem de Nossa Senhora de Nazaré que vinha da Igreja Matriz em romaria, todos os devotos, fiéis e convidados faziam seus agradecimentos e preces diante da singela imagem que ficava em uma pequena capela durante todo o festejo de Santo Antônio. Após o ato devocional e “orante”, dava-se início a animada festa, que era acompanhada de muita comida, bebida e música. A festança era tão boa que os convidados brincavam durante a noite toda.

E, assim, o jovem Noé e seus amigos aproveitavam a famosa festa de Santo Antônio da Terra Preta, mais conhecida como festa da Terra Preta.

Pedro Monteiro da Silva
Autor Manacapuruense

22 - SOPHIA E SUA VISÃO DE UM MUNDO PERFEITO

Sophia, com apenas cinco anos de idade, tinha uma visão de um mundo perfeito, cheio de paz, amor e alegria. Certamente, ela não sabia como era o mundo, não sabia que havia vários momentos tristes.

Para ela só existiam momentos felizes. Ela gostava muito de brincar com Bianca, Sara e Itaúna, que eram suas amigas e moravam na mesma rua. Sophia morava com o pai e com a mãe em uma casa simples e, mesmo vivendo em uma casa singela, a menina estava sempre alegre, sorridente e como era comunicativa, conversava com as pessoas e gostava de fazê-las sorrir.

Sophia não entendia de falsas amizades, pobre Sophia, não sabia como o mundo realmente é, mas com o tempo, foi compreendendo, aos poucos, como esse mundo gira. Ela simplesmente descobriu que nesse mundo há tristezas, maldades e não só alegria, diversões e felicidade. Sophia foi conhecendo várias coisas que não sabia que existiam. Então aquela menina divertida, foi se tornando uma garota tímida, pois não

gostava mais do mundo com tantas pessoas maldosas, que queriam o mal.

Com bastante medo, muito triste e insegura, preferiu ficar só, porque as pessoas poderiam lhe fazer coisas ruins. Então foi se afastando de suas amigas com quem brincava e deixou, aos poucos, de conversar com as pessoas de quem gostava. Sophia sentiu medo.

Já nesse tempo em que estava amedrontada, pensando que as pessoas podiam lhe fazer o mal, não sentia nenhuma alegria. Sua mãe, Roberta, já estava percebendo que estava havendo algo de estranho, que sua filha não brincava mais com suas queridas amigas. Roberta foi falar com as amigas da filha. As meninas falaram que não sabiam o que estava acontecendo com Sophia. A mãe resolveu conversar diretamente com ela.

No quarto da menina, percebeu o quanto ela estava triste e perguntou: – O que está acontecendo com você, que não brinca mais e nem conversa com as pessoas? Sophia, então, respondeu que tinha medo que as pessoas lhe fizessem o mal. A mãe conversou com a pequena, dizendo que não precisava temer, pois estaria sempre ao seu lado e jamais deixaria que algo de ruim lhe acontecesse.

Assim, foi explicando e acalmando a menina. A garota voltou a ser alegre e extrovertida, pois seu medo foi diminuindo. Com o passar do tempo, Sophia se tornou uma moça, ela sempre lembrava do que sua

mãe dizia. Hoje, Sophia é uma pessoa alegre, feliz com a vida, apesar de que, às vezes, fica um pouco triste ainda, pois é inevitável. No entanto, sua grande aprendizagem lhe fez compreender que há momentos felizes, porém, momentos tristes também, a diferença é que precisa saber lidar com suas emoções.

Rainara Ferreira Oliveira
CMPM IX / Manacapuru

23 - O FANTASMA DO SÍTIO DO SERINGAL

Certo dia, por volta do meio dia, na cidade de Manacapuru, estado do Amazonas, morava uma pequena e humilde família que estava iniciando sua vida naquele local. Rica por natureza, rios e o canto das aves. A cidade era conhecida como a terra das cirandas, um festival de dança folclórica que encantava os amazonenses e todos que a visitavam.

Era uma vida muito simples, a família era constituída pelo pai, seu Raimundo, Dona Fátima, a esposa e suas duas filhas, Rosária, a mais velha e sua caçula, Débora.

A vida no sítio era cheia de alegrias e muito trabalho, pois tiravam seu sustento da terra e do rio Solimões. No sítio, havia um seringal, a casa era coberta de palhas, cercada por toras de madeira e palhas de açazeiros e o assoalho com toras de açai. Nada tinha dentro, apenas um mosquitoeiro e as redes, onde, depois de um dia de trabalho duro, descansavam.

Em um dia como outro qualquer, as meninas brincavam enquanto a mãe fazia o almoço em um fogão de barro muito antigo. Logo o almoço ficou pronto, o pai das meninas havia chegado de uma manhã de trabalho. Dona Fátima chamou todos para almoçar. Depois do almoço, o casal resolveu deitar-se um pouco, mas antes avisaram as meninas que não descessem para o quintal, pois era meio dia e era dia de finados.

Como sempre, as meninas nem ligaram e foram brincar à beira do lago, em baixo de uma goiabeira, pois a mesma estava carregadinha de goiabas maduras, as meninas pegaram uma vara e começaram a apanhar goiabas.

Nisso, uma das frutas caiu dentro da mata e Débora resolveu ir pegar a fruta. Ela virou para sua irmã, quando justamente levantou a vista... eis que viu uma coisa sobrenatural que parecia um lençol branco flutuando sobre o mato sem tocar no chão, balançando os braços para o lado da menina. Ela começou a apontar para a coisa e a gritar, suas pernas começaram a estremecer, sentia o medo tomar conta do seu corpo, suas mãos suavam, seu coração acelerava cada vez mais. Rosália não tinha reações pois estava paralisada de medo. Débora começou a gritar mais alto, na esperança que alguém ouvisse e viesse salvá-las, enquanto ela gritava, mas aquela imagem continuava se aproximando.

O pai das meninas, ao ouvir os gritos, correu ao encontro de suas filhas e, colocando as meninas no colo, levou-as para casa. Depois de alguns dias, a família soube que havia um cemitério ali próximo, onde

uma pessoa havia sido enterrada, essa pessoa tinha falecido de afogamento.

Devido ao fantasma do Seringal, seu Raimundo e Dona Fátima foram embora daquele lugar, mas estão ainda na terra das cirandas, apesar de nunca mais voltarem àquele lugar. Dizem que no sítio do Seringal, a visagem aparece para assustar os moradores até os dias de hoje.

Thainá de Oliveira Mota
CMPM IX / Manacapuru

24 - VOVÓ RAIMUNDA

O motor que seguia rio abaixo era lotado de coisas e gente. Foi lá no centro de Manaus, que nós embarcamos, pertinho da Igreja dos Remédios. Havia camelôs e lojas para todos os lados, a maioria delas dos turcos que vendiam artigos importados da França e tudo o mais que se possa imaginar. A Zona Franca de Manaus estava fervilhando. Vinham de todas as partes do país turistas para comprar nas lojas de artigos importados. Os turcos, como dizia a minha mãe, eram os donos de todas as lojas do Centro de Manaus.

O movimento das ruas era terrível, muita gente subindo as escadas de madeira e passando por pontes de madeiras que ligavam o Porto de Manaus aos barcos. Tantos que nem se podia contar, vindos de todos os lados, as águas engoliam as diversas pontes e assim encharcavam os sapatos dos viajantes.

O sol salgava o cheiro de peixes, de frutas e das pessoas que traziam malas, sacolas e tabuleiros nas cabeças com cachos de bananas. O zumbido das pessoas, misturados ao suor esquentava ainda mais o

calor amazonense. E aquelas falas, Meu Deus! Todos conversavam aos gritos numa pressa desmedida.

Arrastada e segura por minha irmã, andava aos tropeções e, assustada, olhava encantada aquela gente alegre e suada, em pleno verão de 1975.

- Cuidado! Não solta a mão da tua irmã! Olha pra frente! Disse minha mãe. - Tivemos que nos equilibrar numa tábua que conduzia ao motor para subir.

- Ata as redes, bota perto do motor, em cima das bolsas - falou minha mãe - caboca linda mesmo. Cabelos cacheados, branca como o leite e lindos olhos verdes. Mamãe fez um nó nas cordas das redes, armou uma rede ao lado da outra e uma em cima da outra. Sentei na rede e olhei. Muitos sacos de farinha para todos os lados, animais, geladeiras, fogões, colchões, compras diversas que iriam para o interior de Manacapuru. As pessoas faziam dos sacos um assento ou mesmo uma cama. Era quase impossível andar no barco. Estava lotado. Tantas redes que as pessoas precisavam andar abaixadas.

O motor saiu, rumo a nossa nova casa, dias de viagem. A zuada, o mormaço e o banheiro davam sono. Mas eu gostava de ver o motor se afastando. Era bonito olhar a cidade ficando para trás, as pessoas ficavam parecendo formigas de tão pequeninas. Em cada barco uma

bandeira balançava e atrás estava escrito o nome do Estado e do País, eu ficava lendo, Amazonas – Brasil.

Tanta água que ninguém conseguia ver mais nada, o rio Negro se misturando ao rio Amazonas. O Encontro das Águas. O rio barrento era o Solimões e o negro, era o rio Negro mesmo, diziam. Um mundo de águas, nem dava mais para ver outra coisa a não ser as águas. Os barcos maiores faziam os pequenos balançarem e na escuridão da noite, acho que se guiavam pelas estrelas.

- Acho que nunca mais vamos chegar... Será que vamos morar mesmo é nesse motor?

As casas ao longe pareciam miniaturas. A mamãe estava vendo o que iam servir para o almoço. O cheiro estava bom, tinha cozido de carne, caldo com pedaços grandes de carne com osso, com verduras como maxixe, quiabo, jerimum e até macaxeira. No outro dia era peixe, pirarucu salmourado com banana pacovã madura, era um cozidão. Comida comum na mesa do povo dessa terra e assim seguia a vida no barco. A água estava num pote que ficava amarrado na parede. Uma concha comprida, entrava no pote e ajudava a encher o copo. Diziam que morava naquele pote uma rã pequenina que fazia a água ficar geladinha... ai, ai, ai.

Quando o motor parava para deixar alguém, surgia um casal de velhinhos e umas cinco crianças descalças, vestidos de calções e sem

camisas. Quando viam o motor se aproximar, corriam morro abaixo e pulavam no rio, fazendo acrobacias. A minha avó dizia que eles queriam se amostrar. Pareciam crianças-peixes. Todos corriam para segurar as sacolas de ranchos e tinha muitos sacos de pães-torrados, era raro ver alguém calçar chinelos.

Durante a viagem era muito fácil ver cardumes de peixes e os botos boiando, pareciam bailar. Eles gostavam de se mostrar, comentavam, e a vovó dizia:

- O boto rosa é bondoso, mas o tucuxi é mau. Ele alaga as canoas para fazer mal e é por isso que os ribeirinhos andam com uma cuia de farinha para jogar na água quando eles boiam e querem alagar as canoas. Vovó Raimunda tinha longos cabelos negros, mas os olhos eram claros. Tinha descendência de portugueses, diziam. O fato é que nunca tivera filhos e, por isso, adotou minha mãe, ainda neném. Disse que a outra avó era muito jovem e um moço de família rica mexeu com a pobre moça. Por isso, ela deu minha mãe, pois não tinha como criá-la.

- Vó, conta uma história de boto. - Pedi.

- Minha avó conta - disse a vovó Raimunda - que a avó dela era parteira e que um dia, um senhor bateu palmas e chamou por ela. Parecia rico. Disse que a esposa ia dar à luz. E pediu que a velha senhora fosse com ele, pois sua mulher estava sofrendo muito. A velhinha entrou na canoa e foi, mas era noite e ela não soube por onde foram -

Senti um frio na barriga e, todos ao redor arregalaram os olhos e os ouvidos.

- Aí, Ela fez o parto da mulher que pariu três lindos bebês. Mas de madrugada, foi cuidar das crianças e levá-las para mamar e foi então que ela viu...

- O quê!? Dissemos. A velhinha caprichava nos detalhes e a curiosidade aumentava.

- Eram três botinhos, a minha avó – dizia a vovó Raimunda - quase desmaiou, mas se fez de forte. E o pai das crianças-botinhos, chamou a parteira e a levou a um quarto cheio de pedras preciosas e pediu que ela escolhesse qualquer uma como pagamento do seu trabalho. Mas a pobrezinha, quase paralisada de terror, não aceitou e pediu para voltar para a casa dela. Ele a levou.

- Mas isso foi verdade, vizinha!? – Perguntamos, com o coração aflito. Ela sempre dizia que sim.

- Chegamos, olha a nossa casa!

Atracaram o motor numa balsinha. Tinha um barranco que levava a uma casa de madeira cor de madeira envelhecida, coberta de palha, uma janela aberta. No caminho tinha cajueiros e logo eu tive a certeza que um deles seria meu. Uma escadinha com três degraus, sala, um quarto e uma cozinha, outra cozinha, com chão de barro, fogão de barro, uma enorme mesa e dois bancos enormes. Era nessa cozinha que a vovó nos encantava todas as noites à luz da lamparina com histórias que até hoje enfeitam a vida da nossa gente.

Valdilene Viana Bordoni
CMPM IX / Manacapuru

25 - A SAÍDA DA MORADA DO SOL

Quando seu pai, José, trabalhava em um terreno nas margens do rio Negro, tiveram que mudar para lá. Eles moravam na cidade de Manacapuru, município do estado do Amazonas, com muitas culturas, como a ciranda, um festival folclórico. Seu pai, José, de 71 anos, possuía cabelos brancos e sua mãe, Maria, também de cabelos brancos, porém enrolados. A menina Rosinha, filha caçula de 6 anos, também herdara da mamãe os cabelos encaracolados e soltos. Já o filho Raimundo, de 8 anos, tinha cabelos lisos e compridos. Todos moravam no bairro da Morada do Sol e, realmente, o sol brilha nesse lugar.

José tinha que ir e voltar todos os dias no motor que ele tinha, todo bonitinho e muito rápido. Parecia muito cansado de cada viagem no rio. Sua esposa Maria, muito trabalhadora, vendia bolo, beijinhos e tapiquinhas para todo o bairro da Morada do Sol, e para os vizinhos caloteiros que custavam muito para pagar o dinheiro. Quem cuidava das crianças era a irmã de José, a Dona Rebeca, de 30 anos. As crianças ficavam muito felizes com sua presença porque ela era muito legal.

Mas quando ele voltou do trabalho, o dono de um terreno falou que a família de Seu José poderia morar lá no sítio dele. O nome dele era Seu Pedro, de 71 anos. Muito alegre, Seu Pedro deu à minha família aquela ótima notícia, que eles poderiam mudar para o terreno às margens do Rio Negro. E lá foram eles...

Todos estavam ajudando, primos e tios, que até parecia que eles queriam que nós fôssemos embora do bairro, mas eles queriam mesmo apenas ajudar, porque a família estava com muitos problemas financeiros e essa oportunidade era uma dádiva.

Já estava perto do natal do ano de 2012, no dia 23 de dezembro, o dia muito esperado para a viagem de barco até o sítio. Rosinha estava muito curiosa para ver como era a casa de farinha e todo o terreno. Seu José parou com aquela preocupação de ficar indo e voltando todos os dias depois da viagem de barco, apesar de gostar de viver passeando no rio Ariaú. Todos os dias os botos cor-de-rosa faziam festa ao redor da embarcação.

Quando a família chegou ao terreno, viram que era muito lindo e maravilhoso, tudo muito grande. Perceberam, logo, que tinham vários tipos de frutas muito conhecidas, como: açaí, mamão, goiaba, melancia, tucumã, banana e cupuaçu. Também havia grande variedade de peixes, como: sardinhas, tambaquis e jaraquis. Logo após o desembarque, tomaram banho de rio e se divertiram muito. A vida no campo é farta e tranquila em comparação à da cidade. Sobre a Morada do Sol? Continua a brilhar, mas nem pensaram em voltar.

Até hoje, a família mora muito feliz como ribeirinhos. E os problemas ainda existem, mas os financeiros e os de ir e vir do Seu José, foram todos resolvidos.

Wendrel Lira Brito Pereira
CMPM IX / Manacapuru

Contos e Encantos de Manacapuru

Projeto de Extensão:

Eventos Culturais: Expressões, Palavras e Contos Manacapuruenses.

Coordenador: Dalmi Alves Alcântara

